



Assentamento vale da esperança: uma história de luta por reforma agrária e produção agroecológica.

Karla Karine Fernandes Lima¹
karlakarine2528@gmail.com¹

Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Apresentação

O presente trabalho visa relatar a minha experiência como jovem, filha de assentados e estudante, com a agroecologia. Meu nome Karla Karine Fernandes Lima, sou graduanda do curso de Serviço Social na Universidade Federal do Piauí-UFPI, resido no Assentamento Vale da Esperança, zona rural sudeste de Teresina-PI e bolsista no projeto de extensão Feira de Base Agroecológica-cultural da UFPI.

Contextualização da experiência

Minha vivência com a agricultura começou ainda muito cedo, no ano de 2002 quando eu ainda tinha sete anos de idade, na época minha família residia na zona urbana de Teresina e ficaram sabendo de uma ocupação que ocorreria no local denominado Cocal, zona rural do município. Viram ali uma oportunidade da conquista da terra e melhoria de vida. Nessa época passamos a viver em barracos provisórios, com muitas dificuldades e desconforto, mas o processo de resistência era maior por confiarmos na luta movida pela necessidade da terra para viver dignamente. No ano seguinte, 2003, ocorreu uma nova ocupação e um número de 750 famílias ocuparam a Fazenda Funil, localizado na BR 343 km 22 zona rural de Teresina, tendo-se assim um número expressivo de acampados, interpelando a sociedade piauiense sobre a problemática da concentração da terra e a falta de terra para quem dela precisava. A ocupação fez o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST ganhar visibilidade no município. Após várias lutas, mobilizações e conflitos internos e externos, no ano de 2005 foi expedido o decreto de desapropriação da Fazenda Santa Isabel, localizada na zona rural sudeste de Teresina, com distância de 27 km do centro da capital. Da área total de 1.162,469 ha, foram desapropriadas 884,66 ha. A emissão de posse dessa área aconteceu no ano de 2006, tendo na época um número de 64 famílias residentes no local. A partir de então, nós e as demais famílias do assentamento passamos a planejar nossas vidas e utilizar a terra para plantar.

Nesse período meus pais passaram a ser dirigentes nacionais do MST, começaram a ter maior contato com a militância do movimento, participar de debates sobre o combate ao latifúndio, luta pela terra na construção e transformação de uma sociedade mais justa e também pelo fim do agronegócio. Estabeleceu-se um vínculo com a agroecologia. O MST



possui uma trajetória de luta por um programa de reforma agrária popular, um modelo de agricultura e um posicionamento político-produtivo voltado para a agroecologia, contrapondo o atual modelo capitalista de agricultura, sintetizado no agronegócio.

Desenvolvimento da experiência

Dentro das conversas, organizações, encontros e reuniões que ocorriam, era promovido a importância e necessidade de uma produção mais saudável, economicamente viável e que gerasse um bem estar social a todos os agricultores e agricultoras. Foi ai então que comecei a perceber a importância de uma agricultura mais sustentável. Com os trabalhos de militância realizados por meus pais e demais famílias do assentamento, tive contato com as Escolas Famílias Agrícolas (EFA) de Teresina, foi quando me surgiu a vontade de ingressar nas EFA do Baixão do Carlos, para poder levar os conhecimentos adquiridos na escola para a comunidade. Após concluir o ensino fundamental, iniciei o curso de Técnico em Agropecuária na EFA- Soim, zona rural leste de Teresina.

Já no último ano do curso, elaborei meu Projeto Profissional do Jovem-PPJ trabalho elaborado para conclusão do curso, voltado para produção de galinhas caipiras em consórcio com hortaliças, tendo como base o cultivo agroecológico, mesmo com todos os professores me aconselhando sobre a inviabilidade do projeto, por acharem que outro método seria mais viável e lucrativo, eu continuei com minha ideia inicial, por saber a importância da agroecologia para os moradores do Vale da Esperança, que veem na agroecologia um meio de preservação, multiplicação e socialização da natureza com os indivíduos, e isso vai muito além da lucratividade. Esse projeto foi colado em prática e deu resultados muito positivos.



Figura 1. Alunos da Escola Família Agrícola do Baixão do Carlos em visita à horta do assentamento Vale da Esperança.

Fonte: Assentamento Vale da Esperança. Junho/2014 Fotógrafa: a autora.

Muito embora participasse da discussão geral sobre a agroecologia e houvesse reafirmado o não uso de venenos e aditivos químicos na área do Assentamento, o Vale da Esperança só começa a sistematizar melhor sua vivência com a Agroecologia em



2014. Neste ano foi realizado dentro da comunidade o primeiro Seminário de Agroecologia do Assentamento Vale da Esperança, desenvolvido por militantes do MST-PI e jovens estudantes do curso Técnico em Agropecuária residentes no assentamento. Na oportunidade, foi apresentada para os agricultores a importância do compromisso com o meio ambiente, com uma produção limpa e promovendo a sustentabilidade dos seres vivos – plantas, animais, pessoas – e demais recursos naturais. A partir daí passaram a ter maior contato com a ideia dos defensivos orgânicos, menor uso de queimada em roças para melhorar a qualidade do solo, práticas de compostagem, conservação da água e a iniciativa de se criar um banco de sementes crioulas.

As agricultoras e agricultores da localidade dentro de suas experiências com o cultivo da terra viram a necessidade de produzir e manter as sementes culturalmente conhecidas por eles e anualmente cultivadas, buscando cada vez menos recorrer às sementes da agricultura moderna disponíveis no comércio, as quais passam por modificações genéticas. Esta iniciativa teve por objetivo maior o alcance de autonomia em relação às empresas produtoras de sementes, além da busca da soberania alimentar. Diante disso, passaram a preservar, produzir e estocar suas próprias sementes. No ano de 2017, estudantes do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Piauí (UFPI), realizaram no Vale da Esperança uma primeira Feira de Sementes, oportunizando a troca de experiência e exposição dessas sementes crioulas, reconhecendo sua importância e apoiando o fortalecimento dessa iniciativa.



Figura 2. Feira de sementes crioulas realizada no Assentamento Vale da Esperança.

Fonte: Assentamento Vale da Esperança. Setembro/2017 Fotógrafa: Alana Albuquerque.

Através do acesso a algumas medidas de políticas públicas e parcerias com entidades filantrópicas, os produtores já tiveram acesso a cursos ministrados pela Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), Empresa Brasileira de Pesquisa e Abastecimento (EMBRAPA), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Fundação Padre Antonio Dante Cíviero (FUNACI), os quais vêm buscando, alternativas para uma agricultura sustentável e vêm gerando oportunidades de formação neste sentido. Nos cursos, os assentados procuram aliar os conhecimentos técnicos, adquiridos com os



cursos, com seus conhecimentos empíricos tradicionais, buscando formas de produção e acesso ao mercado agroecológico para assim produzir alimentos limpos e gerar maior renda.

Em 2015, o Assentamento passou a participar de uma articulação para a produção agroecológica na capital, realizada pelo Grupo de Produção Orgânica de Teresina- GPOTE, composto por várias instituições municipais, estaduais e federais e por dez comunidades rurais de Teresina.

No nosso cotidiano vemos que mesmo com as dificuldades enfrentadas dentro do contexto da questão agrária - como a falta de acesso a crédito, baixa potencialidade hídrica, difícil acesso às demais políticas públicas e problemas ainda presentes no escoamento da produção – ainda conseguimos seguir trabalhando uma produção de base agroecológica, mais especificamente desenvolvida por um grupo de mulheres que tem insistido em manter produtiva a horta existente no Assentamento. A produção maior é voltada para o cultivo de hortaliças. Tentamos gradativamente diversificar a produção. Atentos à importância da organização social, o Vale da Esperança procura, da melhor forma possível, trabalhar a coletividade- mesmo agora tendo ocorrido a divisão da terra para os assentados- tendo uma horta comunitária como pilar da produção e assim garantindo o benefício de todas as envolvidas. Além da horta, algumas famílias também mantêm seu campo de produção, colhendo feijão, macaxeira, mandioca e milho, bem como seus quintais produtivos, como é o caso da minha família, gerando a garantia de alimentos saudáveis para consumo e venda e uma soberania alimentar.

Desde 2017, o grupo de mulheres da horta participa da Feira de Base Agroecológica-cultural da UFPI, um projeto de extensão universitária, vinculado ao Programa de Extensão Sementes da Cultura, onde ampliaram a oportunidade de comercializar seus produtos e fazer trocas de experiências com outras comunidades e também com consumidores, ensinando e aprendendo sobre a importância de uma agricultura limpa e sustentável, que visa não apenas o lucro, mas também a qualidade da vida humana. Na Feira UFPI as mulheres produtoras divulgam sua cultura, sua sistemática de produção, seu conhecimento, por fim, e usufruem do reconhecimento do seu trabalho, conseqüentemente, vem ocorrendo uma maior inserção social desta população rural de Teresina.

Desde a adolescência, quando já participava da militância junto aos meus pais, já tinha a vontade de cursar Serviço Social, pois desde muito jovem vi de perto as diversas expressões da questão social presente em nosso país, fruto de um modelo capitalista que faz apropriação dos bens da natureza apenas para o lucro. Mas como sabemos, não é nada fácil uma jovem do campo, filha de trabalhadores sem terra, ingressar em um curso superior, mas depois de muitos esforços, não só meu mais de muitos que presenciam e vivem em nossa luta diária, consegui alcançar esse objetivo. Inicialmente não foi nada fácil, mas assim que tive um maior contato com a Feira de Base



Agroecológica-cultural da UFPI, vi ali uma oportunidade de me manter na universidade, local onde posso expressar minha cultura, conhecimento, fazendo uma constante troca entre o campo e meio urbano, um amplo e diversificado espaço onde podemos mostrar ao mundo a força da agroecologia.

Principais resultados alcançados

Analisando a história de luta do Vale da Esperança, que também faz parte da minha história de vida, e o seu encontro definitivo com a Agroecologia entendemos que este momento engrandece a luta travada. Por toda a sua existência o Assentamento declinou do uso de venenos e aditivos, encontrando atualmente a oportunidade de validar publicamente a escolha que fez desde sempre. Valida também o acerto das mulheres que mantiveram a chama da horta acesa com seu trabalho permanente. Por acreditar na horta e depois no envolvimento maior com a Agroecologia as mulheres trouxeram o Assentamento para a articulação maior da agroecologia de Teresina que hoje aponta para um futuro interessante.

Disseminação da experiência

Do ponto de vista da geração de renda, este encontro também foi positivo, por conseguir aportar maiores recursos às famílias participantes, vinculadas às mulheres que participaram e participam da horta. Atualmente o recurso que me mantém na universidade é oriundo de produções agroecológicas. Vejo, então, no Vale da Esperança as gerações mais velhas abrindo novos caminhos de liberdade e vida digna para as gerações mais novas, trazendo a possibilidade da reprodução social local e da esperança que seu nome preconiza.